

GELSE YURI KAKUMOTO

**CONFISSÕES URBANAS: CULTIVO DA ALMA DA CIDADE**

**CURITIBA**

**2005**

GELSE YURI KAKUMOTO

## **CONFISSÕES URBANAS: CULTIVO DA ALMA DA CIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para conclusão de curso.

Orientadora: Prof. Dr. Maria Virgínia Filomena Grassi.

**CURITIBA**

**2005**

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos olhos de muitos, o tema dessa monografia pareceu bastante estranho, excêntrico talvez. Mas ele teve, sem dúvida, o olhar amoroso de outras tantas pessoas e encontrou nelas importantes interlocutores. Somente através dessas pessoas o tema dessa monografia pôde ganhar uma alma.*

*Embora uma delicada tarefa, não poderia cometer a injustiça de omitir alguns nomes. Prof. Virgínia Grassi acreditou nesse tema desde o seu incerto início e sempre o tratou com absoluto respeito e dedicação. Através dela tive contato com Maribel Nogueira quem também foi absolutamente gentil e generosa e orientou minhas leituras dentro do vasto (e ainda obscuro) campo da arquitetura. Pablo de Assis que não apenas acompanhou como monitor, mas dedicou a essa pesquisa um olhar muito especial. Muitas outras pessoas estiveram presentes, colegas, amigos, professores que embora não estão sendo citadas, estão no coração desse trabalho...*

*Eros esteve sempre presente.*

*O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem.*

*Ferreira Gullar*

*Restauramos a alma quando restauramos a  
cidade em nossos corações individuais, a coragem, a  
imaginação e o amor que trazemos para a civilização.*

*James Hillman*

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	ii
<b>EPÍGRAFE</b> .....	iii
<b>SUMÁRIO</b> .....	iv
<b>RESUMO</b> .....	v
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>1. O OLHAR HUMANO SOBRE O URBANO</b> .....	07
1.1 CIDADES DESABITADAS .....	10
1.2 O SOFRIMENTO DAS CIDADES .....	14
<b>2. AMOR À CIDADE, AMOR À ALMA</b> .....	17
2.1 ARQUÉTIPOS E SÍMBOLOS NAS CONSTRUÇÕES .....	18
2.2 O MITO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA .....	21
2.3 <i>ANIMA MUNDI</i> .....	24
<b>3. A POÉTICA URBANA E A INDIVIDUAÇÃO</b> .....	28
3.1 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA .....	28
3.2 JUNG E A TORRE DE BOLLINGEN .....	33
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	40

## RESUMO

As cidades abarcam sentidos e significados para o homem que nela habita. Em suas origens pode-se encontrar elementos que visavam a uma complexidade e uma variedade simbólica muito grande. Porém, as cidades contemporâneas apresentam-se ao homem como um desafio, fazendo-se presente por meio do sofrimento. A psicologia propõe-se entender a cidade como uma realidade psíquica e resgata, assim, a idéia de *anima mundi*, na qual não somente o homem, mas o mundo passa a ter alma. Os símbolos, o mito, os ritos e rituais são temas que auxiliam a compreensão das cidades como uma realidade psíquica e podem ser entendidos a partir dos desejos, das fantasias, das aspirações, do sofrimento, da angústia, entre outras tantas questões, inerentes na relação do homem com suas cidades. Pode-se verificar, inclusive, o papel das construções dentro do processo de individuação do homem. O cultivo da alma da cidade também se apresenta como tendo uma importância psíquica muito grande. É dessa forma que a experiência estética participa desse processo, despertando o homem para o que as cidades têm dito sobre elas: seu sofrimento e suas realizações.

Palavras-chaves: cidade, alma, *anima mundi*, psicologia arquetípica, experiência estética.

## INTRODUÇÃO

Palco das realizações humanas, as cidades dão um testemunho da abrangência de sentidos e significados que o homem produz. Há cinco mil anos elas contam uma história de encenação de desejos, fantasias, medos, destruição, confissões, amor. Esses espaços possibilitaram que aspirações humanas emergissem e viessem a contribuir para a busca do homem pela sua totalidade. Por meio das cidades é possível encontrar o relato dos homens que as construíram.

Refletir sobre o que as cidades têm dito do homem e para o homem é papel da psicologia. Pouco tem sido explorado pelos psicólogos, porém é notória a necessidade que o urbanismo tem dessas contribuições, desse diálogo interdisciplinar com as ciências humanas. Embora entendendo essa necessidade de questionar o que a psicologia tem a falar aos profissionais dessa área, o que se visa nesse trabalho é buscar nas cidades questões do homem que, ao que parece, têm sido esquecidas.

As questões enfrentadas pelo urbanismo e o próprio processo de construção das cidades podem trazer para a psicologia uma interessante visão do homem. Olhar o homem dentro dessa perspectiva revela um homem que dialoga com seu ambiente, que fala de si por meio de suas construções, que projeta seus desejos, suas fantasias, seus medos, evoca seu passado, projeta-se no futuro. São essas, entre tantas outras, as funções que as cidades desempenham na vida psíquica de cada um de seus cidadãos. Sendo as cidades construções que dão uma concretude a questões subjetivas do homem, elas poderiam ser vistas como uma realidade psíquica que se manifesta por meio de símbolos, dos seus mitos, ritos e rituais encenados.

O tema dessa pesquisa nasce de uma inquietação entre algo que é real, concreto, visível, e algo da esfera do psíquico. Para que essa questão pudesse ser formulada e compreendida foi necessário avançar em três áreas: a arte/estética, a arquitetura/urbanismo e a psicologia. É dentro desses três campos, numa proposta inevitavelmente interdisciplinar, que essa inquietação consegue tomar forma. E é somente entendendo que há algo em comum entre esses três campos e que é possível um diálogo entre eles que a construção desse conhecimento torna-se possível. As especificidades de cada campo são, obviamente, respeitadas, e o que permeia o tema, o fio condutor dessa pesquisa é a relação simbólica do homem com a cidade que se manifesta, entre outras formas, por meio da experiência estética. Em outras palavras, entende-se a experiência estética como uma maneira, ou um processo, do homem construir sua relação com sua cidade. Uma parte desse caminho inclui refletir sobre o sofrimento do mundo, sensibilizar-se para ele e entender que esse sofrimento não está exclusivamente fora do indivíduo, ele faz parte desse padecer. Propõe-se refletir o olhar desse homem sobre a cidade em que ele vive.

Ele (o tema) está em um (inquieto) lugar entre a dimensão coletiva (cidade) e a dimensão individual (o homem da psicologia); entre a dimensão física e a dimensão psíquica; e por último mas não menos importante, entre o consciente e o inconsciente. Pode parecer confuso e algo distante em um primeiro momento, pois uma série de dimensões e forças atuam transformando essa experiência em uma dinâmica, e porque não, em um desafio para a criatividade psicológica. Mas a sensação de que esse tema possa ser algo distante é apenas uma ilusão.

O homem está o tempo todo em contato com todas essas dimensões e forças no seu cotidiano desde os primórdios da civilização, e talvez seja exatamente por isso

mesmo que essa experiência acaba se tornando inconsciente - fato que em si não é necessariamente ruim, não se trata desse tipo de julgamento. Porém, refletir sobre ele pode trazer outros caminhos, outras perspectivas a respeito do homem.

O tema dessa pesquisa nasceu também a partir de questões da prática, do cotidiano; e não da teoria, quer seja ela da psicologia analítica, quer do urbanismo e entende-se inclusive, que é para essa experiência que as preocupações desse tema terão que voltar quando se propõe tentar trazer sua reflexão. Embora não haja nenhuma preocupação eminentemente teórica e o tema não esteja diretamente subordinado a nenhum conceito da psicologia, ele faz parte da proposta da Psicologia arquetípica de voltar a atenção dos psicólogos para outras questões que não estejam classicamente ligadas à psicologia clínica.

Hillman (1988) a propósito dessa questão diz o seguinte:

A psicologia arquetípica (...) teve desde o seu início a intenção de ir além da pesquisa clínica dentro do consultório de psicoterapia, ao situar-se dentro da cultura da imaginação ocidental. É uma psicologia deliberadamente ligada às artes, à cultura, e à história das idéias, na forma como elas florescem da imaginação. (HILLMAN, 1988, p. 21)

Por meio da psicologia arquetípica, considerada por alguns autores como a terceira escola criada a partir da psicologia analítica de C.G. Jung - embora o próprio Hillman (1988) também proponha entendê-la como um movimento cultural, quando entende que "parte de sua tarefa é a revisão da psicologia, da psicopatologia e da psicoterapia" (HILLMAN, 1988, p. 22) - a questão da cidade pode ganhar o olhar dos psicólogos. Hillman (1988) referindo-se a algumas dessas manifestações culturais, enumera a mitologia, a religião, a arte, a arquitetura, o épico, o drama e o ritual. Por meio dessas manifestações culturais, encontra-se a base da psicologia arquetípica, que

como o nome indica, são os arquétipos. Hillman (1988) entende os arquétipos como os padrões fundamentais da existência humana, as formas primárias que governam a psique. Essas questões serão melhor discutidas ao longo do trabalho.

É partindo dessa possibilidade que se apresenta o tema dessa pesquisa. Entender o homem também fora do consultório psicológico, ou (ouvir melhor) o homem que traz para dentro do consultório o mundo que o atinge. Olhar o mundo que o rodeia, seus estímulos, suas manifestações, suas angústias. Olhar a cidade, suas construções, seus caminhos, as ruas pelas quais o homem percorre como tendo um significado psicológico. Olhar o homem dentro dessa relação que o coloca frente a frente com sua criatividade, com sua capacidade de transformação. Teria a cidade algo a ensinar ao psicólogo sobre o homem? O que ela tem a dizer do homem que a constrói?

A escolha do tema, embora não haja uma tradição que a justifique e que pouca referência possa ser encontrada sobre o tema, também apresenta uma necessidade da psicologia comunicar-se com outras áreas. As questões do homem envolvem uma psique que está em contato com o mundo. A psicologia, ao refletir sobre a condição humana, faz parte do processo urbano.

O que se pretende, porém, nesse trabalho não é esboçar contribuições psicológicas para o urbanismo - o que seria demasiadamente pretensioso - mas questionar a relação, o olhar do homem sobre a cidade. Ou talvez entender o cidadão como um cidadão psicológico, nas palavras de Hillman (1995). Habitar a cidade não apenas com residências, comércios, pontes, ruas, placas, códigos de trânsito, um parque fazendo as vezes de uma revitalização da cidade, um centro histórico, uma praça, um chafariz. Habitar as cidades com alma, como propõe Hillman.

A linguagem arquitetônica que uma cultura produz está, assim, incluída dentro do campo de estudos da psicologia arquetípica. Para essa escola, a idéia de alma ganha uma projeção dificilmente encontrada em qualquer outra psicologia. Hillman, em todos os seus trabalhos citados nessa pesquisa, declara o compromisso da psicoterapia com o cultivo da alma. A alma, segundo o autor é a “metáfora-chave”, é o opus da psicologia. Barcelos (1988 *in* HILLMAN, 1988, p. 14) explica essa idéia: “A alma deve ser a metáfora primária da psicologia, uma metáfora já etimologicamente determinada: psicologia, logos da psique, significa o discurso ou a narrativa ou a verdadeira fala da alma. A alma, no entanto, deve ser imaginada, não definida. É uma metáfora, e ao mesmo tempo um campo de experiências”.

Ao se referir à alma, e aqui há outra inovação, Hillman (1988) refere-se também à alma do mundo "*anima mundi*" nas palavras do autor. Segundo Hillman (1988, p. 54): "A visão de cura ou salvação da psicologia arquetípica focaliza-se sobre a alma no mundo que é também a alma do mundo (*anima mundi*)".

Outros autores que fazem parte dessa pesquisa são arquitetos, críticos, historiadores da arquitetura e filósofos. Eles permitem problematizar a questão da cidade e ajudam apontar um caminho.

### *As cidades e a memória 1*

*Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre. Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las visto em outras cidades. Mas a peculiaridade desta é que quem chega numa noite de setembro, quando os dias se tornam mais curtos e as lâmpadas multicoloridas se acendem juntas nas portas das tabernas, e de um terraço ouve-se a voz de uma mulher que grita: uh!, é levado a invejar aqueles que imaginam ter vivido uma noite igual a esta e que na ocasião se sentiram felizes.*

*Italo Calvino*

## 1. O OLHAR HUMANO SOBRE O URBANO

A vida nos grandes centros urbanos contemporâneos tem-se tornado tema de importantes questões para o homem pós-moderno. As cidades têm mostrado uma capacidade de relevar algumas das principais angústias desse homem. Mumford (1988) inicia seu livro colocando questões fundamentais: "Que é a cidade? Como foi que começou a existir? Que processos promove? Que funções desempenha? Que finalidades preenche?" (MUMFORD, 1998, p. 9) O processo de urbanização do homem, inegavelmente, trouxe-lhe inúmeros benefícios. As cidades, gregárias por natureza, ao proporcionarem uma série imensa de trocas e relações, contribuíram para a ampliação do sentido humano. Porém, a sociedade que se desenvolveu no seio das cidades é a mesma que hoje se depara com questões ainda sem resposta sobre sua própria condição.

Muitas dimensões da vida humana necessitam da cidade para se realizar. Pensar nos processos que ela promove, nas funções que desempenha e ainda, nas finalidades que ela preenche é levantar toda a complexidade que é a civilização. O próprio autor responde dizendo: "Não há definição que se aplique sozinha a todas as suas manifestações nem descrição isolada que cubra todas as suas transformações, desde o núcleo social embrionário até as complexas formas da sua maturidade e a desintegração corporal da sua velhice". (MUMFORD, 1998, p. 9)

Estudos feitos no campo do urbanismo, ou melhor, no planejamento urbano como sugere Sá (1991), procuram, entre outras coisas, as respostas para essas perguntas. Refletir sobre essas questões pode contribuir para a compreensão de uma série de questões, problemáticas, pontos cegos, contradições, impasses com os quais se defrontam os profissionais envolvidos nessa área. A autora defende a necessidade de

que as contribuições das ciências sociais e humanas se juntem a esse campo para que um caráter crítico e reflexivo interdisciplinar possa mudar os padrões de resposta eminentemente técnicos dados até então. Conforme Kohlsdorf (1985):

Ao receber a colaboração de sociólogos, historiadores, economistas, juristas, geógrafos, psicólogos, etc., a definição da cidade realizada pela arquitetura entrou, talvez, na maior crise de toda a história desta última... (mas) avançou na explicação da questão urbana enquanto fato sociológico, econômico e geográfico, onde o espaço é abordado, coerentemente, como um objeto sujeito àquelas disciplinas. Em outras palavras, estas contribuições localizam-se mais em relação à compreensão da cidade como processo onde o espaço é o reflexo, o resultado ou o residual, e não onde o mesmo é o próprio corte epistemológico. (KOHLSDORF, 1985 *apud* SÁ, 1991, p.21)

A compreensão da cidade como um processo, nas palavras do próprio autor, requer a inserção do processo histórico do homem, que como o autor aponta, requer também, a inclusão de suas várias dimensões. Proceder a uma revisão histórica do processo e da construção das cidades seria, embora interessante, excessivo para o tema proposto. Porém, um rápido passeio pelas suas origens poderia revelar alguns aspectos que fizeram parte de sua gênese. Mumford (1998) encontrou nessas origens dimensões tão variadas quanto profundas. A confluência de uma série de fatores deveria estar presente no momento em que o homem buscou os princípios de uma organização num determinado espaço, um esboço de uma cidade. É o que ele nos revela:

Se há razão para suspeitar de alguma obscura continuidade ancestral desse costume, há melhores razões ainda para encontrar nos ritos da caverna os impulsos sociais e religiosos que conspiraram para finalmente atrair os homens às cidades, onde todos os sentimentos originais de medo, reverência, orgulho e alegria seriam ainda mais ampliados pela arte e multiplicados pelo número de participantes capazes de responder.

Não se tratava de um mero ajuntamento por ocasião do acasalamento, ou de um regresso provocado pela fome a uma fonte segura de água ou alimento, ou de um ocasional escambo, em determinado ponto convenientemente protegido por um tabu, de âmbar, sal, jade ou mesmo, talvez, de instrumentos prontos. Ali no centro cerimonial verificava-se uma associação dedicada a uma vida mais abundante; não

simplesmente um aumento de alimentos, mas um aumento da fantasia simbolizada e da arte, com uma visão comum de uma vida melhor e mais significativa ao mesmo tempo que esteticamente atraente, uma boa vida em embrião (...). Com efeito, quem pode duvidar de que no próprio esforço de assegurar um suprimento abundante de alimento animal - se era essa realmente a finalidade mágica da pintura e do rito -, a própria representação da arte acrescentou algo tão essencial à vida humana quanto as recompensas carnis da caça. Tudo isso tem algo a ver com a natureza da cidade histórica. (MUMFORD, 1998, p. 14)

Mumford (1998) fala, no trecho acima, que não era unicamente uma necessidade de acasalamento, ou uma necessidade na qual o homem era conduzido pela fome ou por um abrigo que lhe garantisse sua melhor sobrevivência, que levou o homem primitivo a buscar a formação das cidades. Foram os "impulsos sociais e religiosos" (nas palavras do autor) que somados a sua capacidade de criação e significação convidaram o homem a partilhar uma "fantasia simbolizada", na qual os elementos que compõem a arte e a experiência estética experimentada por meio dos ritos tiveram uma importância tão fundamental quanto as demais necessidades básicas de sobrevivência. Um leque de tonalidades e formas foi aberto, possibilitando o homem se desenvolver numa "vida melhor e mais significativa". O início da história da arte se confunde com o início da história das cidades. Assim, o homem primitivo prova que ser um "ser social" implica uma realização muito mais global e ampla, (a arte, a magia, a relação com o sagrado tendo já nesse momento uma importante função) envolve não somente trocas sociais, mas trocas simbólicas.

O homem utilizou-se das construções para falar de si desde muito cedo. Dudeque (2001, p. 36) fala que é possível encarar "a arquitetura como uma arte que ajuda a entender os homens que a construíram". Estender o olhar para o que ele constrói possibilita sua compreensão por meio de uma linguagem simbólica, através do que talvez se possa chamar de símbolos arquitetônicos. Essa questão simbólica será vista em

mais detalhes no próximo capítulo. É necessário olhar, refletir - antes disso - sobre esses espaços, sobre onde e de que forma está o homem nessas cidades.

### 1.1. CIDADES DESABITADAS

O automatismo das relações, o imediativismo e o finalismo na busca de resultados e respostas, a valorização da produção em detrimento dos meios e dos processos, entre outras tantas questões que envolvem a ideologia que permeia a sociedade contemporânea, refletem por meio da cidade um estado de sofrimento psíquico, do homem e da alma do mundo. Coelho (2001) traduz essa idéia na seguinte citação:

Vivemos hoje, nas cidades, assombrados por uma idéia de cidade que não encontra mais concretização material. A cidade que marcou nossas imaginações (...) corresponde a um modo de vida social e a uma conformação da personalidade que não mais existem. A cidade medieval, como a aldeia colonial brasileira, era o contexto dos sentidos, do olfato ao tato passando pela visão. (...) De todas as antigas "funções" da cidade, restaram a do trabalho (massacrante), a do morar (indigno) e a do deslocar-se (eterno). (COELHO, 2001, p. 73)

Uma sensação de mal-estar e de perda parecem inevitáveis quando se reflete sobre o retrato das cidades contemporâneas que o autor apresenta. Segundo ele, o homem não se encontra mais nesse lugar. Não há lugar para os sentidos nem para a imaginação, pois as cidades não os despertam mais e nem garantem seu acolhimento; às sensações resta a anestesia e a imaginação só encontra refúgio na memória.

Coelho (2001, p. 74) continua: "não há mais clareza sobre o significado da cidade e aquilo que nela se passa". Talvez seja mesmo, em última instância, uma falta

de sentido nela e no viver dentro dela. E acrescenta ainda: "É o que mostra o fracasso das intervenções urbanísticas um pouco por toda parte e sua falta de sucesso na procura de restauração do mito da cidade". Para o autor, a própria cidade encarna em si um mito, ela é um mito para os seus cidadãos que precisam acreditar nas possibilidades que elas lhes conferem. Coelho (2001) fala de uma perda de clareza de seu significado. A origem disso talvez possa ser encontrada na sua ilegibilidade. Se o cidadão não sabe ler a sua cidade, não saberá encontrar-se nessa relação. Lynch (1977) ajuda a entender essas questões.

O que ambos os autores querem mostrar é que há uma dificuldade dos cidadãos de entenderem os códigos, a linguagem arquitetônica atual e que dessa dificuldade resulta uma impossibilidade de simbolizar, de viver o seu mito. Há, em outras palavras, uma deficiência nessa comunicação, nessa troca. Segundo Lynch (1977, p. 209): "Nossas cidades apresentam muitas ambigüidades, confusões e descontinuidades; as atividades significativas não são passíveis de apreciação; a história e a base natural são obscurecidas". Essa legibilidade diz respeito às funções simbólicas, representativas que a forma física da cidade apresenta. Segundo o mesmo autor: "A forma física de uma cidade tem um impacto sensorial que condiciona profundamente a vida de seus habitantes, e esse fato é freqüentemente ignorado na tarefa da construção urbana" (LYNCH, 1977, p. 208). Além da questão da ilegibilidade, o autor se refere a outros três fatores que segundo ele, são "deficiências físicas que fazem das grandes metrópoles locais desagradáveis para se viver". (LYNCH, 1977, p. 208) São elas: excesso de estímulos e sensações imposto pelas cidades que vão muito além dos limites de conforto e tolerância humanos (estímulos visuais, sonoros, informações, etc.); a impossibilidade do homem de se identificar com os diversos ambientes entre os quais

ele circula, é o que o autor chama de falta de identidade sensível (outros autores, como por exemplo, Bollas (2000), fala da identificação com as ruas pelas quais o indivíduo percorre, os lugares que habitam as suas memórias, mesmo, ou principalmente, lugares que não existem mais) e por último: sua rigidez, sua falta de plasticidade que impossibilita o cidadão usar, transformar, organizar e até destruir seu ambiente, trata-se, talvez, de uma sensação de impotência de poder transformar o seu próprio ambiente o que pode gerar um sentido de falta de pertencimento a esse lugar. Coloca-se em questão, novamente a criatividade como uma força, um impulso necessário para a existência do homem.

Bollas (2000) acrescenta:

"Cada cidadão faz associações com alguma parte de sua cidade" escreve Lynch "e cada imagem está repleta de memórias e significados". Quando caminhamos ou viajamos pela nossa cidade selecionamos caminhos, cada um dos quais provocando diferentes efeitos evocativos. "Que dinâmico e bonito objeto é um caminho" escreve Bachelard, pois ao longo dos caminhos que escolhemos estão os objetos que representam algo para nós. Elegemos os nossos próprios caminhos ao longo de nossas vidas, mesmo que alguns deles estejam ordenados pela mentalidade da cidade. (...) Os caminhos que escolhemos tomar em nossa vida - mesmo que sejam tão simples quanto o caminho que eu escolhia para ir trabalhar - são partes vitais da expressão de nosso próprio e pessoal idioma. (BOLLAS, 2000, p. 32)

Os caminhos que o cidadão percorre pela sua cidade possibilitam sua identificação e estimulam seus sentidos. A memória, as evocações de desejos e fantasias, "as associações", como o próprio autor se refere, estão implícitas nesse diálogo. Kujawski (1988) fala da importância do caminhar pelas ruas da cidade. Segundo Kujawski (1988, p. 49): "Quando passeamos (e não simplesmente passamos), a cidade *acontece* para nós; transforma-se em drama e em cenário". É ele ainda que surpreende o homem pós-moderno quando afirma que ele não habita mais a sua cidade,

como habitava, por exemplo, o homem grego, que passava mais tempo nas praças públicas que no interior de suas próprias casas. Mas também na reclusão de sua própria casa, o homem contemporâneo parece não estar. Segundo o autor:

Ao homem contemporâneo é negada a habitação no lar e também na cidade. Viver na cidade é, agora, lutar corpo a corpo com o outro, o concorrente, o agressor, o assaltante. Na cidade é cada vez menor o espaço e também o tempo disponível pelo indivíduo. A estreita funcionalização do espaço e do tempo, racionados e racionalizados como o pão em período de guerra, rouba-nos aquilo que era o luxo inocente da vida farta: a folga de tempo e de espaço, para usá-los como nos aprouvesse. A perda daquela "folga" nos embala rigidamente num espaço-tempo que não é o nosso, mas o de ninguém, como se fôssemos produtos em série e em massa, comprimidos no apartamento, no automóvel, no metrô, no passeio, na urgência desesperada de cada minuto, que não nos dá mais "tempo para nada". Estar é mal-estar. (KUJAWSKI, 1988, p. 45)

O cenário que o autor descreve ajuda a refletir e questionar o lugar que o homem ocupa no seio das cidades e o mundo que ele está construindo. Crer que o homem está comprimido no seu apartamento, no seu automóvel, inclusive no seu próprio mal-estar, para usar os termos do autor, faz perguntar se o homem realmente habita suas cidades, ou se ele está mediocrementemente sobrevivendo nelas.

Pensar sobre essas questões levantadas pelos autores citados leva, inevitavelmente ao assunto do sofrimento vivido pelos cidadãos e, por que não, o próprio sofrimento das cidades. Uma sensibilização para o sofrimento das cidades parece merecer mais atenção.

## 1.2 O SOFRIMENTO DAS CIDADES

Barcelos referindo-se ao trabalho de Hillman (BARCELOS *in* HILLMAN, 1993, p. 8) aponta para "à patologia e à beleza do que está a nossa volta". Essas palavras de Barcelos definem bem e sucintamente o que Hillman propõe - e que será melhor discutido nos próximos capítulos, despertar para o sofrimento, para o padecimento estampado no mundo e reconhecê-lo. O olhar desperto, por outro lado, encontrará também a beleza do mundo, assumindo as mais diferentes formas, provocando reações, dirigindo-se a cada indivíduo no que ele tem de único. Segundo Hillman (1993):

Atualmente, acho que os pacientes são mais sensíveis do que os mundos nos quais vivem. Em vez de os pacientes não serem capazes de perceber e se adaptar "realisticamente", é a realidade dos fenômenos do mundo que parece incapaz de se adaptar à sensibilidade dos pacientes. Fico estarecido pela vivacidade e beleza dos pacientes vis-à-vis ao mundo insensível e feio que habitam. (HILLMAN, 1993, p. 10)

A psicoterapia contribui para que o homem aprofunde muitas de suas questões, mergulhando em sua intra-subjetividade, em sua própria alma, mas, seguindo o raciocínio de Hillman (1993), o mundo pouco melhorou a partir do desenvolvimento da análise e dos seus pacientes. O mundo mostra-se "insensível" aos seus cidadãos. A violência, a criminalidade das ruas, a poluição do ar, dos rios, o tráfego congestionado das grandes metrópoles atingem os cidadãos e exigem de cada um respostas para a angústia urbana. Há um sofrimento, um padecimento do mundo que rodeia o homem. O que o homem vê, respira, toca, ouve, percebe a sua volta está carente de cuidado, de um olhar mais atento, mais amoroso; ou talvez, falte um real respeito pelas coisas - respeito entendido na etimologia da palavra: um segundo olhar com o olho do coração, segundo Hillman (1993, p. 28). Esse respeito refere-se a uma sensibilidade que, ao que parece,

está sendo desenvolvida por meio do sofrimento, do psicopatológico que está no mundo e também no homem. Segundo Sardello (s/d):

Um indivíduo apresentava-se para a terapia no século XIX; já no século XX, o paciente em crise é o próprio mundo... Os novos sintomas são fragmentação, especialização, hiperespecialização, depressão, inflação, perda de energia, jargões e violência. Nossos prédios são anoréxicos; nossos negócios, paranoicos; nossa tecnologia, maníaca. (SARDELLO, s/d *apud* HILLMAN, 1993, p. 12)

Não se trata do mero uso dos termos da psicopatologia para classificar, para diagnosticar o mundo. Não se trata de colocar prédios e bancos de praça no divã. O que tanto Hillman quanto Sardello propõem é a sensibilização para um mundo que se faz presente por meio de seu sofrimento. Essa patologia a qual os autores se referem advém justamente dessa falta de sensibilidade, de não se perceber o mundo sendo também psique. Não é o sofrimento do mundo que invade o homem, ele faz parte do homem.

O que se encontra nessas palavras é o convite de Hillman para que a psicologia entenda a cidade também como psique. Segundo Hillman (1995):

Levou muito tempo para que a terapia aprendesse que o corpo é a psique, que o que ele faz, como se movimenta e suas sensações são a psique. Ultimamente, a terapia vem aprendendo que a psique está totalmente nos sistemas relacionais. Não se trata de um radical livre, uma mônada, autodeterminada. Falta agora ela perceber que a cidade, onde o corpo vive e se movimenta, e onde é tecida a rede relacional, também é psique.

O inconsciente coletivo, disse Jung, é o mundo, e - ele também disse - a psique não está em você, mas você está nela. O inconsciente coletivo estende-se além dos grandes símbolos oníricos, além das repercussões da história ancestral. Inclui as ondulações do solo, o fluxo e refluxo na cidade, moda, linguagem, preconceitos, coreografias que regem a alma desperta e as imagens que a determinam. (HILLMAN, 1995, p. 84)

Nas palavras de Hillman (1995) a psique ganha outra dimensão e exige que se olhe para as cidades com mais atenção. A dualidade indivíduo/coletividade,

interno/externo ganha outros sentidos ou talvez perca seu aspecto de oposição. Entender que "a cidade também é psique", como o autor fala, dá à psicologia mais um objeto de estudo.

O objeto da psicologia passa da complexidade que é o homem para a complexidade do mundo. Hillman aponta também o caminho, falando que o cultivo da alma (o *opus* da psicologia) é também o cultivo da alma da cidade. Esse assunto será desenvolvido no próximo capítulo.

Algumas questões que envolvem as cidades são apontadas pelos arquitetos/urbanistas e apresentam-se também como questões para o homem. Não são questões que envolvem exclusivamente o planejamento urbano. O homem se apresenta como o ponto chave da questão. Como a psicologia entende essa questão foi esboçado nesse capítulo - entender a cidade como psique, e será melhor desenvolvido no próximo capítulo. Mas, é inevitável perguntar se a psicologia tem algo a propor para essa relação. Se as cidades estão desabitadas de alma, então é possível pensar em como seria esse processo de fazer alma da cidade.

## 2. AMOR À CIDADE, AMOR À ALMA

A psicologia de C. G. Jung mostra muito claramente sua preocupação em se compreender o mundo e não somente limitar-se aos restritos e tênues limites do ego ou de sua subjetividade abarcando sob as perspectivas de sua compreensão o vasto mundo no qual o homem habita. Segundo Jung (1988):

(...) Ou será melhor encolher as fronteiras da psicoterapia e restringir a nossa ciência a um enfoque mais modesto de especialistas indiferentes à catástrofe que está levando à ruína a metade do mundo? (...) Realmente é impossível fazer o tratamento da alma e da personalidade humana, isolando umas partes do resto. (...) Com a sua neurose, o doente não nos põe em presença de uma especialidade, mas de toda uma alma, e com ela, de todo um mundo; essa alma depende dele, e sem ele nunca será possível entendê-la satisfatoriamente. É por isso, talvez, que a psicoterapia tem menos condição que qualquer outro campo especializado, de refugiar-se no domínio sacrossanto de uma especialidade, que, por assim dizer, já nada tem a ver com a vastidão do mundo que está aí. Por mais que tentemos concentrar-nos no mais pessoal da pessoa, a nossa terapia não teria sentido sem a pergunta: de que mundo vem o nosso doente, e a que mundo deve ele ajustar-se? (JUNG, 1988, p. 90)

Jung termina essa citação com uma inquietante pergunta e um desafio: pensar o indivíduo que traz também os problemas e os sofrimentos do mundo para dentro do consultório. Morar em um prédio anorexo e viver em uma sociedade maníaca sob diversos aspectos exige do psicólogo estender seu olhar às ruas da cidade, ao mobiliário urbano, ao sistema de transporte, às praças, ao comércio ambulante, aos espaços ilegíveis de sua cidade. Essa é também a “vastidão do mundo que está aí”.

Prosseguir nesse caminho exige a compreensão de alguns termos da psicologia analítica, entre eles: arquétipo e símbolo. É o que segue.

## 2.1 ARQUÉTIPOS E SÍMBOLOS NAS CONSTRUÇÕES

Falou-se muito até aqui em arquétipos e símbolos sempre que se referiu às questões psíquicas. É necessário, nesse momento, desenvolver com mais atenção esses conceitos que são fundamentais ao se pensar em psicologia analítica.

O conceito de arquétipo usado em psicologia iniciou com Jung e teve seu aprofundamento em Hillman. A autora Jacobi (1957) é quem melhor sistematizou tanto o conceito de arquétipo quanto o de símbolo a partir da obra de Jung. Então, recorre-se ao seu trabalho para falar sobre esses conceitos.

Segundo a autora, é importante apresentar a questão do arquétipo, antes de mais nada, muito mais como uma idéia, do que como um conceito fixo. Nas palavras de Jacobi (1957):

Não é fácil estabelecer uma definição exata de arquétipo; talvez seja até bom entender o termo "esboçar" em seu sentido mais amplo de "circunscrever" e não de "descrever", porque o arquétipo representa um enigma profundo, que ultrapassa a nossa capacidade racional de compreender. (JACOBI, 1957, p. 37)

Dessa forma, conserva-se seu caráter vivo e dinâmico e entender que sua compreensão passa muito menos pela razão, demonstra o quão profundo ele se encontra na natureza humana. A origem do arquétipo é o inconsciente coletivo e seu acesso não se dá de forma direta, apenas por meio das manifestações da psique. Jung (1948) diz o seguinte:

Os arquétipos são, de acordo com a sua definição, fatores e motivos que coordenam elementos psíquicos no sentido de determinadas imagens (que devem ser denominadas arquetípicas) e isso sempre de maneira que só é reconhecível pelo

efeito. Eles existem pré-conscientemente e formam provavelmente as dominantes estruturais da psique em si. (JUNG, 1948 *apud* JACOBI, 1957, p. 38)

O contato com os arquétipos está subordinado às suas manifestações por meio de imagens, as imagens arquetípicas e esse contato abre um caminho para o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo, segundo Jung (1987, p. 58) difere-se do inconsciente pessoal por "ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte". Jacobi (1957) explica o seguinte sobre o inconsciente coletivo: "O inconsciente coletivo, matriz parapsíquica da soma acumulada em milhões de anos de condições psíquicas básicas, tem uma amplitude e profundidade incomensuráveis" (JACOBI, 1957, p. 60).

Os arquétipos ligam-se ao consciente por meio dos símbolos. Segundo Jung (*apud* Jacobi, 1957, p. 72): "A alma é para si mesma a experiência única e imediata e a *conditio sine qua non* da realidade subjetiva do mundo em geral. Ela cria símbolos, cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja figura visível resulta das imagens adquiridas pelo consciente". Os símbolos apresentam-se como uma forma manifesta, como uma espécie de arquétipo "encarnado". Jacobi (1957, p. 73) refere-se ao símbolo como um arquétipo que por meio daquele recebe um "corpo", uma "forma plástica", nas palavras da autora. O símbolo apresenta-se como uma possibilidade de tradução, de trazer para o consciente um conteúdo que é originalmente encontrado no inconsciente coletivo. Criar símbolos é uma necessidade para a psique.

Os símbolos têm uma capacidade ilimitada de possibilidades, pois não pretendem explicar racionalmente, mas romper com os limites da razão. O símbolo é, essencialmente, muito mais intuitivo, dirigindo-se a compreensão do homem como uma

totalidade. Segundo Jung (1991, p. 445): "Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto cheio de significado". E ainda: "Um símbolo é vivo só quando é para o observador a expressão melhor e mais plena possível do pressentido e ainda não consciente. Nestas condições operacionaliza a participação do inconsciente. Tem efeito gerador e promotor de vida". Fica evidente a relação aberta, cheia de possibilidades, potencialmente criativa e dinâmica do símbolo.

Os símbolos da cidade são igualmente infinitos, pois cada cidadão encontra os seus próprios símbolos, e de cada um deles emerge infinitos significados.

O homem desde muito cedo apresentou suas questões arquetípicas e simbólicas por meio de sua relação com os lugares que habita. Um exemplo disso diz respeito à sua questão com a morte. O sepultamento de corpos representa os primeiros vestígios de uma fixação do homem primitivo em um determinado lugar. Esses sepultamentos falam possivelmente dos primórdios, dos primeiros indícios da humanidade. Segundo Mumford (1998):

Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. Constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos, a intervalos, a fim de comungar com os espíritos ancestrais ou de aplacá-los. Embora o ajuntamento de alimentos e a caça não encorajem a ocupação permanente de um sítio único, pelo menos os mortos reclamavam esse privilégio. (MUMFORD, 1998, p. 13)

Para o homem, os símbolos da morte estão vivos. Lidar com a questão da morte por meio deles é uma maneira encontrada de dar um lugar, uma concretude, somente assim possibilitando que ele possa se relacionar com essa questão que é sempre

tão fértil. Dar um lugar aos mortos em suas cidades demonstra que a morte tem um lugar na vida psíquica de cada indivíduo.

Para se compreender a questão dos arquétipos e dos símbolos é também importante falar sobre os mitos.

## 2.2 O MITO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Trabalhou-se a questão do arquétipo para poder se falar sobre mitos. Os mitos para a psicologia arquetípica mantêm um caráter, parecido com a definição de arquétipo dada por Jacobi (1957), de algo vivo, sem querer esgotar suas possibilidades e seus significados. Hillman (1988) explica da seguinte forma:

A linguagem primária e irreduzível desses padrões arquetípicos é o discurso metafórico dos mitos. Eles podem assim ser compreendidos como os padrões fundamentais da existência humana. Para estudar a natureza humana no seu nível mais básico, é necessário voltar-se para a cultura (mitologia, religião arte, arquitetura, o épico, o drama, o ritual) onde esses padrões são retratados. (HILLMAN, 1988, p. 23)

O olhar analítico então irá procurar por meio das manifestações culturais o “discurso metafórico dos mitos” procurando ouvir o que a alma está dizendo. É essa a leitura que a psicologia de Jung propõe. Ainda sobre esse assunto, Hillman (1988) diz o seguinte:

Como Hillman (1979) diz: "Mitos não fundamentam, eles abrem." O papel do mito na psicologia arquetípica não é o de fornecer uma lista exaustiva de possíveis comportamentos ou o de circunscrever as formas de energias transpessoais (no sentido neoplatônico), mas abrir as questões da vida à reflexão transpessoal e culturalmente imaginativa. (...) O mais importante, contudo, é que o estudo da

mitologia torna-nos capazes de perceber e experimentar a vida da alma miticamente. (HILLMAN, 1988, p. 44)

Como nos diz o autor, o interesse por parte da psicologia com relação à mitologia parece estar muito mais ligado às possibilidades, ao potencial criativo da alma, do que à padrões pré-estabelecidos.

Parece haver, então, duas questões que interessam aqui: uma é as cidades como o palco mítico das realizações da alma humana e o outro é tentar reconhecer nas cidades contemporâneas o mito que elas vivem e os rituais que nelas se realizam. Entendê-las como um palco mítico é reconhecer as cidades enquanto tais. Abre uma possibilidade de vivenciá-las mais amplamente, comungar cada espaço pleno de sentido. Os antigos entendiam que o espaço era um local sagrado. Interferir nele era algo profano. Dessa forma, as construções deveriam ser, de alguma forma, sacralizadas. O espaço das cidades é, dentro dessas culturas, propriedade dos deuses.

Pensar no mito das cidades, como sugeriu Coelho (2001) citado no primeiro capítulo, é um desafio titânico. À primeira vista, pouca coisa fica clara ao se procurar um mito das metrópoles contemporâneas. Embora seja até viável pensar que haja certas características comuns à grande maioria das cidades, não é justo homogeneizá-las e descaracterizá-las, ignorando que cada uma delas pode viver seu próprio mito, graças às suas peculiaridades, à sua história, à sua cultura, aos seus moradores, aos seus grandes feitos.

Ajuda e fica menos pretensioso, considerar que esse mito possa estar em construção. A dinâmica vida das cidades, as transformações sociais, culturais, políticas, econômicas estariam, inevitavelmente, contribuindo para esse mito em construção. O mito é algo vivo, depende da vivência, do compartilhar de cada um de seus cidadãos,

cada um contribuindo de sua forma. Uma grande confluência de deuses e mitos parecem estar atuando, cada um a seu modo, a seu tempo. Uma das grandes características da pós-modernidade é a multiplicidade, a diversidade habitando um mesmo espaço. Parece não haver um deus único para as cidades, pois a cidade é o espaço de todos eles.

Dudeque (2001) resgata os deuses Lares que tanto participavam da construção das casas das famílias quanto permaneciam nelas compartilhando de seus aposentos.

Nas palavras do autor:

A partir da leitura de Fustel de Coulanges, entende-se que, na Antiguidade Clássica, cada casa era a sede do culto e dos templos familiares. A tradição ensinava que os deuses Lares ensinavam o homem a construir casas, e depois que estas estavam terminadas, os Lares impregnavam-se na construção. Assim, o edifício e o culto abrigados eram unos, e tocar em uma pedra da casa era tocar nos ancestrais da família. (DUDEQUE, 2001, p. 51)

Os deuses Lares aos quais o autor se refere são deuses de origem romana que, de acordo como Brandão (1993, p. 197) tinham como "missão proteger a casa, a cidade, as ruas, as encruzilhadas e, por metonímia, a própria lareira". Brandão (1993) fala mais sobre eles:

Dada a importância do culto aos mortos e das divindades ctônicas na religião etrusca, é muito provável que, em suas origens, os Lares tenham sido espíritos ou divindades infernais que perseguiam os vivos, enquanto personificações mítico-rituais dos antepassados, transformando-se, depois, por eufemismo, em divindades tutelares. Como deuses protetores do recinto doméstico, suas imagens figuravam junto à lareira, numa *aedes*, nicho, ou num *lararium*, uma espécie de oratório ou capela particular. (BRANDÃO, 1993, p. 197)

Os deuses Lares emprestam um caráter sagrado às construções, um respeito ao passado, uma necessidade, obviamente não somente física, mas também psíquica de proteção, acolhimento.

Não é só pelo fato dos deuses Lares não possuírem um mito propriamente dito, as cidades contemporâneas apresentam complexidades demais para encerrar em um só deus ou em um só mito todas as suas possibilidades.

Sardello (1997) não fala das cidades, mas fala da relação mítica do homem com as casas, apresentando um interessante olhar sobre essa relação. Segundo o autor:

Cada cômodo contém um universo mítico. O quarto, sala de sonhos da casa, acorda quando dormimos e enche-se de ancestrais, demônios, animais, atos inconfessáveis, criaturas desconhecidas e outros medos não admitidos na vida consciente. A cozinha, um laboratório alquímico cheio de recipientes, pós, instrumentos para misturar, cheiros deliciosos e repugnantes, trabalha na transformação da fantasia em carne. A sala de estar tece os fios aleatórios de vida diária numa conversação, coloca-os em foco diante da lareira. A sala de jantar faz a ponte entre as atividades da cozinha e da sala de estar. (...) O banho pertence também ao cosmos de Vênus - odores doces, óleos finos, pós sensuais, vaidade. E a natureza comparece aqui com sabonetes cheirando a pinho, flores, gotas de orvalho. O acréscimo da toaleta ao banho é relativamente recente e obscurece a memória arquetípica do banhar-se como um ritual comunal que tinha como seu objetivo, não a lavagem da sujeira, mas a regeneração de corpo e alma. (SARDELLO, 1997, p. 34)

Por meio da forma com que cada pessoa organiza seu espaço doméstico, sua rotina diária, a importância que dá a cada um desses elementos exemplificados na citação acima, é possível saber para onde sua alma aponta.

### 2.3 ANIMA MUNDI

Hillman propõe que a psicologia profunda reveja a posição a qual ela se coloca diante do mundo, quando deixa entrar em seus consultórios apenas o paciente, e não cidades inteiras. A importância da questão da cidade é revelar a alma que existe nela ou da qual ela faz parte.

Dotar o mundo de alma: “*anima mundi*”, nas palavras de Hillman (1993), é reconhecer que a psique habita em todas as coisas do mundo. Com essa idéia, Hillman (1993) resgata uma visão de mundo conhecidíssimo entre os povos primitivos e que também encontra sua repercussão com Ficino. Nas palavras do autor:

Imaginemos a *anima mundi* nem acima do mundo que a circunda, como uma emanção divina e remota do espírito, um mundo de poderes, arquétipos e princípios transcendentais às coisas, nem dentro do mundo material como seu princípio de vida unificador panpsíquico. Em vez disso, imaginemos a *anima mundi* como aquele lampejo de alma especial, aquela imagem seminal que se apresenta por meio de cada coisa em sua forma visível. Então, a *anima mundi* aponta as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, sua apresentação sensorial como um rosto revelando sua imagem interior – em resumo, sua disponibilidade para a imaginação, sua presença como uma realidade psíquica. (HILLMAN, 1993, p. 14)

Trazer essa questão para a psicologia é bastante delicado. Faz rever muitas posições. O que se propõe aqui, no entanto, é olhar para esse mundo com um cuidado, com uma sensibilidade maior, mais apurada. Olhar não somente para as questões individuais, num subjetivismo exclusivista, como o próprio Hillman fala (1993), mas pensar o mundo como também portador de uma alma que merece atenção e que está presente na vida de cada indivíduo. O que Hillman (1993) questiona é o estar preso ao “apertado cubículo do ego”. Hillman (1993, p. 15) defende que: “Ficino liberta a psicologia dos aprisionamentos de Agostinho, Descartes, Kant e seus sucessores, freqüentemente Freud e, algumas vezes, Jung. (...) Essa visão não apenas mata as coisas por vê-las como mortas; ela nos aprisiona naquele pequeno e apertado cubículo do ego”. Ainda esclarecendo essa questão, Hillman (1993) diz o seguinte:

A psicologia profunda tem insistido que a patologia do mundo lá fora resulta simplesmente da patologia do mundo aqui dentro. Os distúrbios do mundo são produzidos pelo homem - representações e projeções da subjetividade humana.

Não é essa visão a negação das coisas como elas são pela psicologia profunda só para manter sua visão de mundo? Não pode a própria psicologia estar inconsciente de suas defesas egóicas? Se a psicologia profunda estiver errada quanto a esta avaliação, então outra de suas defesas, sua idéia de projeção, também precisa ser revertida. Não apenas a minha patologia se projeta sobre o mundo; o mundo está me inundando com o seu sofrimento que não se alivia. Depois de cem anos de solidão da psicanálise, tenho mais consciência do que eu projeto no mundo exterior do que daquilo que é projetado sobre mim pela inconsciência do mundo. (HILLMAN, 1993, p. 13)

Além de seu sofrimento individual, o homem faz parte de um mundo que também sofre. Dessa forma, talvez ele esteja se anestesiando desse sofrimento numa tentativa de defesa. Um engarrafamento de trânsito incomoda, mas muito pouco ou nada parece ser possível fazer para resolvê-lo. No entanto, a angústia é muito real e a partir do momento em que ele faz parte desse congestionamento, esse congestionamento faz parte dele. Seus sofrimentos já são tantos, que a melhor forma de entender o carro que não trafega é se anestésiar para o que acontece para além dos vidros fechados.

Estar anestesiado não muda o sofrimento do mundo, pelo contrário, impede que ele seja reconhecido. Impede que algo seja feito por ele. Estar anestesiado para essas questões contribui para que esse sofrimento seja interiorizado, enclausurando o indivíduo. Porém, essa clausura não o protege, expõe pela ignorância das questões do mundo e porque gera uma incapacidade de transformação.

É por isso que Hillman (1993) fala da necessidade de cultivar a alma da cidade. Para além dos termos e das construções teóricas da psicologia, é também o que fazem todos aqueles que amam as suas cidades. Lerner (2003) ensina isso quando fala, por exemplo, do que ele chama de “gentilezas urbanas”. Com isso, o autor está se referindo a todas as atitudes que os cidadãos anonimamente fazem por amor às suas cidades, para fazer melhor sua convivência, para despertar para as boas coisas e os bons

momentos que uma cidade pode proporcionar. A massificação, a despersonalização, a indiferença, a apatia podem ser combatidas.

Os sons ou o silêncio, os cheiros que despertam a memória, a alma noturna das cidades encarnadas nos bares, os vendedores de rua que colorem as calçadas, o cumprimentar o motorista do ônibus, a música que sai da janela e desperta os pedestres são alguns dos inúmeros exemplos dos quais Lerner (2003) fala como é possível resgatar algumas dimensões esquecidas das cidades. Cada uma dessas atitudes é o que ele chama de acupuntura urbana. Resumindo, Lerner fala de amor à cidade:

Que tal se cada agulhada da acupuntura for um gesto de amor à sua cidade? (...) Você é capaz de captar momentos especiais na vida de uma cidade, de enxergar que cada cidade pode ser melhor. Depende de você conhecê-la e sentir aquilo que ela tem de melhor, que é a solidariedade. Então, você é capaz de amar as pessoas de todas as cidades. Vamos todos pensar a cidade. Eu, de minha parte, penso... (LERNER, 2003, p. 130)

É a sensibilidade para a vida que acontece no seio das cidades e a responsabilidade conferida a cada um dos cidadãos na sua construção.

Ao se relacionar dessa forma com a sua cidade, o cidadão dá alma a ela. Esse fazer alma, essa atividade imaginativa, poética, criativa, pode ser traduzida, numa linguagem menos técnica como um "olhar" diferenciado, um olhar amoroso, um olhar estético sobre a cidade. Pode-se pensar a partir disso na construção de um olhar poético, de uma poética urbana.

### 3. A POÉTICA URBANA E A INDIVIDUAÇÃO

O fazer a alma da cidade pode ser encontrado em cada olhar de cada cidadão quando este é dotado de uma sensibilidade especial para suas manifestações: suas belezas, seus encantos, suas surpresas, seus detalhes, seus cantos esquecidos e também seu sofrimento. Esse olhar além das puras relações funcionais, frias e superficiais, esse olhar atento com os olhos do coração pode ser entendido como um olhar poético. A procura dessa poética urbana permitirá ao homem descobrir aspectos adormecidos de sua alma.

Falar de poética pressupõe conhecer também a experiência estética.

#### 3.1 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A experiência que se pretende refletir é a experiência do homem frente a si mesmo e frente ao mundo dentro de uma perspectiva que passa pela experiência que o homem conhece por belo. O reconhecimento do belo ou a experiência estética sempre esteve presente no homem desde o início da civilização. Os ritos primitivos foram as primeiras experiências estéticas do homem. A experiência estética representa uma forma de apreensão do mundo e uma possibilidade de reconhecimento de si mesmo através da reação estética.

O termo estética é comumente entendido como um refinamento do espírito ou está ligado a algum tipo de erudição intelectual ou ainda é facilmente confundido com padrões pré-estabelecidos (cânones) de beleza. Não é nenhum desses sentidos que se

pretende tratar aqui. O sentido de estética é bem esclarecido nas palavras de Hillman (1993):

Por reação estética não me refiro a embelezamento. Não quero dizer plantar árvores e ir a galerias. Não quero dizer nobreza, música de fundo suave, jardins bem cuidados - esse uso sanitizado e desodorizado da palavra estética que a destitui de seus dentes, língua e dedos. Beleza, feiúra e arte não são nem a essência pura nem a base verdadeira da estética. Na interpretação neoplatônica, a beleza é simplesmente manifestação, a exposição de fenômenos, a apresentação da *anima mundi*; não houvesse beleza, Deuses, virtudes e formas não poderiam ser revelados. A beleza é uma necessidade epistemológica; *aisthesis* é como conhecemos o mundo. (HILLMAN, 1993, p. 20)

Um tanto quanto longe do senso comum que tende a padronizar e assim, reduzi-la a um julgamento, a experiência estética, no sentido proposto, não segue uma construção coletiva de belo e feio, bom e mal, mas sim refletir sobre como ela é experimentada em cada indivíduo e o que ela significa dentro do seu processo de individuação. O processo de individuação será visto mais adiante, cabe aqui entendê-lo, por enquanto, como o nome dado ao caminho do "tornar-se si-mesmo".

Sobre a experiência estética é preciso discorrer um pouco mais. A etimologia da palavra *aisthesis*, conforme Duarte (2001 p. 13) diz o seguinte: "capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado". Tão simples de entender como o é entender o seu oposto: anestesia - perda das sensações, perda dos sentidos. Hillman (1993, p. 17) também dá o seu entendimento de *aisthesis*: "A palavra em grego para percepção ou sensação era *aisthesis*, que significa, na origem, "inspirar" ou "conduzir" o mundo para dentro, a respiração entrecortada, "a-ha", o "uhh" da respiração diante da surpresa, do susto, do espanto, uma reação estética à imagem (*eidolon*) apresentada". A *aisthesis* trata da relação com o mundo.

Hillman enfatiza a questão da *aisthesis* muito mais como uma reação à imagem. Uma reação estética inclui a vitalidade da respiração (o sopro vital) que responde de acordo com a emoção, com o sentimento que foi ativado. O que ambos os autores apontaram foi para uma percepção do mundo que capta muito mais de sua totalidade de estímulos do que restringe a capacidade intelectual, comumente mais valorizada ao exigir um julgamento e não uma apreciação.

Hillman (1993) fala que para se despertar os sentidos é preciso reagir com o coração. Segundo ele: "Sentir e imaginar o mundo não se separam na reação estética do coração como em nossas psicologias posteriores, derivadas dos escolásticos, cartesianos e empiristas britânicos" (HILLMAN, 1993, p. 17). Conduzir-se por esse caminho - compreender que a totalidade da experiência se dá por meio da *aisthesis*, leva ao que Hillman (1993) propõe de se tomar a saúde da alma como uma questão que depende dessa reação estética. Nas suas palavras:

Reconheceremos a sanidade da alma através de sua reação estética (...) O que quero dizer por reação estética aproxima-se mais de um sentido animal da palavra - um faro para a inteligibilidade aparente das coisas, seu som, cheiro, forma, falar para e através das reações de nosso coração, respondendo a olhares e linguagem, tons e gestos das coisas entre as quais nos movemos. (HILLMAN, 1993, p. 20)

Nesse sentido, a reação estética, estimulada pelas manifestações vívidas do mundo, por que não pela *anima mundi*, parece estar muito próxima da verdadeira linguagem da alma. A *anima mundi* despertando a alma de cada um. Alma despertando alma.

Pouco se encontra sobre esse tema em Psicologia. Então é Hillman (1993) que continua a nos falar, e inclusive falando dessa falta, ou nas palavras dele, essa repressão da beleza.

A psicologia - quero dizer, claro, uma psicologia que faça jus a seu nome, *psyche logos*, o estudo da alma, da psique, da anima - tem sido influenciada por teorias derivadas da medicina científica, da física, da química, da fisiologia, da farmacologia, da antropologia e da lingüística. A psicologia tem sido influenciada, contudo, também pela estética, especialmente pela negação da beleza, que aparece no discurso psicológico como uma ausência, uma repressão.

Essa curiosa recusa de admitir a beleza no discurso psicológico ocorre mesmo que cada um de nós saiba que nada afeta tanto a alma, transporta-a tanto, como os momentos de beleza - na natureza, um rosto, uma canção, uma ação ou um sonho. E sentimos que esses momentos são terapêuticos no sentido mais verdadeiro: fazemos reconhecer a alma e seu valor. (HILLMAN, 1993, 129)

A experiência estética talvez assuste a psicologia ao reconhecer para si um valor terapêutico. O reconhecimento da alma naquilo que ela traz de mais profundo necessita do aprofundamento da sensibilidade. Um caminho necessário para despertar a psique. Embora, Hillman (1984) defenda essas questões, é importante colocar que elas não são entendidas como um objetivo em si mesma, tem um sentido muito mais de ser um caminho. Segundo o autor:

O adestramento da sensibilidade, a participação em grupos, a ênfase na experiência corporal e na imaginação tornaram-se tentativas preliminares necessárias para despertar a psique, tornando-nos cômicos de que a alma se estende do corpo em direção aos outros e rumo ao campo imaginário. Esses métodos querem que observemos, tomemos conta e cuidemos da alma em muitas de suas manifestações até agora negligenciadas pela psicologia. Porém, uma vez mais, o método se confunde com a meta, que não é a percepção sensorial, a imaginação visual ou o envolvimento e sentimento grupal, mas sim a consciência psíquica. Consciência psíquica: a experiência da vida como uma emanção mítica e da alma como o fulcro do destino individual. É uma consciência concentrada na alma e nas forças míticas, arquetípicas, que são encenadas através dela. (HILLMAN, 1984, p. 35)

A encenação da alma convida para o despertar da sensibilidade. A anestesia, o entorpecimento psíquico, usando um termo de Lifton (*in* Hillman, 1993, p. 26), impede que a alma se mova em direção ao seu destino.

De fato, aquele que se interessar por estética precisará recorrer a outros campos de conhecimento. Mesmo sendo uma experiência de grande importância, pouco a psicologia falou sobre ela. O julgamento do belo e do feio não cabe à psicologia, e com certeza a nenhuma ciência. Mas cabe à psicologia tratá-la com a consideração necessária ao se debruçar sobre uma experiência tão profunda.

Segundo Coelho (1979) a relação da arquitetura com a estética e arte é primordial. A arquitetura é herdeira de uma longa tradição de ser ou de levar a arte para perto da população. Imponentes construções, não obstante, costumam ser os maiores feitos de muitas civilizações. As Pirâmides do Egito, os Templos gregos, mausoléus, catedrais, palácios, construções erguidas no intuito de afirmar o poder, a soberania, estabelecer sua relação com o sagrado, são construções que antes de tudo surpreendem os sentidos e emudecem a razão.

A Arte ( com A maiúsculo mesmo) também toma o espaço urbano e faz deste a própria matéria-prima de seu trabalho. Muitas propostas e intervenções têm levado a Arte para fora de museus e galerias proporcionando ao cidadão repensar arte e cidade. Dessa forma, a arte tem contribuído para despertar o olhar muitas vezes apático das pessoas, apresentando muitas vezes uma outra forma de olhar, pensar e viver a cidade. Mexer com a criatividade, instigar idéias, despertar reações - esse nobre campo da arte – é também o convite desses artistas que entendem serem imperativas as questões que os grandes centros urbanos têm imposto aos homens que nelas vivem.

### 3.2 JUNG E A TORRE DE BOLLINGEN

Jung não desenvolve, especificamente falando, em seus escritos teóricos, acerca do tema da relação do homem com suas construções e sua importância para o processo de individuação. Porém, no seu livro *Memórias, Sonhos, Reflexões* ele faz uma belíssima confissão quando fala de um lugar, a Torre de Bollingen, construída ao longo de alguns anos de sua vida e que guarda profundos significados. O que segue abaixo é um trecho de Jung (1975) falando a respeito de sua construção:

Trabalhando muito consegui, aos poucos, apoiar em terra firme minhas fantasias e os conteúdos do inconsciente. As palavras e os escritos não eram bastante reais para mim; era preciso outra coisa. Necessitava representar meus pensamentos mais íntimos e meu saber na pedra, nela inscrevendo, de algum modo, uma profissão de fé. Foi assim que comecei a construir a torre de Bollingen. Essa idéia pode parecer absurda, mas realizei - o que foi para mim uma grande satisfação, um acontecimento significativo.

No princípio não pensei em fazer uma verdadeira casa, mas apenas uma construção de um andar, com lareira no centro e beliches ao longo das paredes, à maneira das moradas primitivas. (...) Era uma cabana deste gênero que eu queria construir, uma morada que correspondesse aos sentimentos primitivos do homem. Ela devia oferecer uma sensação de refúgio e de abrigo, não só em sentido físico, mas também psíquico. Desde o começo, porém, durante os primeiros trabalhos, o plano modificou-se, por me parecer demasiadamente primitivo. Compreendi que era necessário construir uma verdadeira casa de dois andares e não apenas uma cabana de chão batido. Foi assim que nasceu, em 1923, a primeira casa de plano circular. Uma vez construída, vi que se tornara uma habitação em forma de torre.

Era poderoso o sentimento de repouso e de renovação que a torre despertara em mim desde o início. Constituía como que uma morada materna.

Nesse espaço fechado vivo só comigo mesmo. Guardo a chave e ninguém pode entrar lá, sem a minha permissão. No correr dos anos pinte as paredes desse quarto, exprimindo tudo o que me conduz da agitação do mundo à solidão, do presente ao intemporal. É um recanto da reflexão e da imaginação; as fantasias são muitas vezes desagradáveis e os pensamentos árduos: é um lugar de concentração espiritual.

(...)

Desde o início, a torre foi para mim um lugar de amadurecimento - um seio materno ou uma forma materna na qual podia ser de novo como sou, como era, e como serei. A torre dava-me a impressão de que eu renascia na pedra. Nela via a realização do que, antes, era um vago pressentimento: uma representação da individuação. Um marco, *aere perennius*. Ela exerceu sobre mim uma ação benfazeja, como a aceitação daquilo que eu era. Construíra a casa em partes separadas, obedecendo

unicamente às necessidades concretas do momento. Suas relações interiores jamais tinham sido objetos de minhas reflexões. Podia-se dizer que construía a torre numa espécie de sonho. Somente mais tarde percebi o que tinha nascido, e a forma plena de sentido que disso resultara, símbolo de totalidade psíquica. Ela se desenvolvera como um grão antigo que tivesse germinado. (JUNG, 1975, p. 196)

É difícil acrescentar qualquer comentário a respeito desse relato. Qualquer coisa que se queira falar pareceria pretensioso. As palavras faltam, pois a imagem prevalece. É nessas palavras de Jung (1975) que a reflexão central desse trabalho encontra sua imagem. No início do Memórias, Sonhos, Reflexões Jung (1975) diz que aquela história é a história de um inconsciente que cumpriu sua própria missão.

Para Moraes (2003, p. 124): "Uma residência, em suas formas e arranjos, deveria ser um *depoimento humano*, uma *confissão*, uma *expressão da concepção individual de felicidade*" (grifos do autor). Essa citação de Moraes (2003) casa-se muito bem com o relato anterior de Jung, pois ele transformou a pedra numa "confissão", num verdadeiro "depoimento humano" no qual é possível encontrar nessa construção o homem que a construiu.

Resgatando as idéias que foram apresentadas até então, é possível a partir desse relato de Jung, refletir sobre a relação do homem com sua cidade e o processo de individuação.

O processo de individuação é um processo que ocorre naturalmente, não exclusivamente nos consultórios psicológicos, sob os cuidados de um analista, com hora marcada. O que se quer dizer, é que se trata de um caminho pelo qual o homem percorre nas suas mais variadas investidas. Do processo de individuação fazem parte o sofrimento, as perdas, a angústia, os erros, as conquistas, o vasto leque de emoções e investimentos empreendidos, as relações simbólicas construídas, enfim, toda a jornada

da alma tem um sentido de individuação. A individuação tem um sentido de totalização, de tornar-se si mesmo.

Ver numa construção muito mais do que sua funcionalidade, numa cidade muito mais que seu desenvolvimento econômico. Esse parece ser o pedido da alma. O processo de individuação também pede forma, cores, texturas, sensações e sentimentos a serem despertados. A distância entre arquitetura e psicologia é dada pela razão, que fragmenta, desmembra, separa; não pela alma.

Jung não foi arquiteto e pelo que consta, nunca pretendeu ser. De um ponto de vista arquitetônico, talvez sua torre não constasse como uma grande obra. Mies ou Corbusier provavelmente fariam diferente. Mas a torre de Jung foi absolutamente fiel ao seu conceito, ao seu propósito, aos desejos de seu cliente. Sem dúvida, uma virtude digna de orgulho para qualquer construtor. Não ter a formação necessária não impediu Jung de ser bem sucedido no seu empreendimento. Não lhe faltou um caminho, uma direção a seguir. Estava claro: eram seus desejos, suas fantasias, suas necessidades mais íntimas que décadas de um árduo e profundo trabalho de mergulho na alma humana lhe deram. E àqueles que se interessarem, a receita está dada: seguir o inconsciente.

*E Polo:*

*- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.*

*Italo Calvino*

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar das cidades é tão amplo quanto pensar em todos os campos que a psicologia pode debruçar-se. Diante de dois tão férteis assuntos, corre-se, inevitavelmente, o risco de deixar muitos pontos em aberto. A intenção dessa pesquisa foi esboçar algumas possibilidades de diálogo entre esses dois campos. Aproximar psicólogos e arquitetos e pensar no que ambos podem construir a partir desse diálogo foi a idéia motivadora. Pensar no homem como o ponto chave para as questões que envolvem planejamento urbano e cultivo da alma foi o objetivo. Envolver a arte, a criatividade e a poética foi o caminho. Refletir sobre o que se pode construir a partir dessas relações é o desafio que convida os cidadãos, seguindo o convite dos autores citados, a amarem suas cidades.

Incluir as cidades no campo de estudos da psicologia é um desafio para os profissionais. Não apenas pela falta de tradição, mas também pelo desafio que é rever toda a problemática inerente à própria psicologia de tentar definir o seu objeto de estudo. O homem, o comportamento, as relações, o biológico, o psíquico, o social, o consciente, o inconsciente, o corpo, a mente, e por aí vai uma infinidade de aspectos, perspectivas ou enfoques a que as diversas psicologias têm se dedicado. Incluir as cidades, as casas, as ruas, os bancos de praças é realmente um desafio. Uma sensação de mal-estar e angústia parecem inevitáveis ao se mexer tão profundamente nessas questões. Mas é sempre saudável que certas questões sejam revisitadas, retomadas. Esse processo de desconstrução e reconstrução, embora difícil, é necessário. É, na verdade, a prática do psicólogo clínico um eterno construir, seja dentro ou seja fora do consultório.

Como, dessa forma, a prática de consultório, poderia se beneficiar dessas questões? Entendendo que o processo de individuação não abarca somente o intrasubjetivo, não está restrito aos limites do ego individual. Quando um indivíduo vai de encontro à sua totalidade não é somente ele que se transforma, o mundo a sua volta também muda. O processo de individuação pode, além disso, tomar formas bastante concretas e envolver o coletivo. O cultivo da alma envolve o cultivo da alma da cidade. Questionar em que nível está o amor de um paciente pela alma de sua cidade pode dar um indicativo do tratamento.

Jung (1988) fala da importância da confissão, colocando-a como a primeira etapa da psicoterapia. A confissão diz respeito ao dividir, ao compartilhar, ao tornar coletivo algo que precisa ser não somente individual. Hillman (1984) fala da importância da relação dentro do processo de fazer alma. Também ele trata da importância dessa confissão. As cidades teriam algo a confessar ao homem? O que elas diriam sobre si mesmas? E sobre os homens que as constroem? Elas fariam de seu próprio sofrimento que é também o sofrimento do homem. As cidades fariam de seus moradores de rua, da violência que percorre suas ruas, do caos que se instala cada vez mais intensamente nos cruzamentos, nos viadutos, nas vias expressas, de suas áreas desvitalizadas, esquecidas. Fariam também de suas belezas, de seus monumentos erguidos em nome da memória, do homem que se projeta no futuro, dos seus desejos, das suas pretensões, dos mais simples e modestos momentos de fruição que ela é capaz de promover. Falaria dos encontros que ela promove nas ruas, nos bares, nos bancos de praça.

Não é somente o homem que se confessa por meio de suas construções. Pode-se nesse momento resgatar a imagem da torre de Jung e também a afirmação de Moraes

(2003), como foi visto. O homem confessa seus desejos, sonhos, devaneios, dá seu depoimento, faz de suas construções uma expressão de felicidade. Mas as cidades e suas construções também dizem algo para esse homem.

Os mitos que permeiam a existência da cada cidade, os rituais celebrados no cotidiano de cada cidadão, o despertar dos sentidos e dos significados fazem das cidades um espaço a ser cuidado, respeitado. As cidades confessariam sua necessidade de amor. Elas também têm algo a ensinar, não somente ao psicólogo, mas a todo cidadão.

O que se encontra nessas páginas é tão somente o desafio que todos os cultivadores de almas, espalhados pelas cidades mundo afora, enfrentam todos os dias, respondam eles pelo nome de feirantes, taxistas, artistas, catadores de papel, donas de casa, psicólogos, urbanistas...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLLAS, Christopher. A arquitetura e o inconsciente. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.. vol. III, nº 1, março/2000, São Paulo: Editora Escuta.

BRANDÃO, Junito. Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana. Petrópolis: Vozes, 1993

COELHO, Teixeira. A construção do sentido na arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

COELHO, Teixeira. Moderno Pós Moderno. São Paulo: Iluminuras, 2001.

DUARTE, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

DUDEQUE, Irã Tabora. Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

HILLMAN, James. Cidade & alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HILLMAN, James. O mito da análise. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HILLMAN, James. Psicologia Arquetípica: um breve relato. São Paulo: Cultrix, 1988.

HILLMAN, James e VENTURA, Michael. Cem anos de psicoterapia - e o mundo está cada vez pior. São Paulo: Summus, 1995.

JACOBI, Jolande. Complexo, Arquétipo e Símbolo na psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1957.

JUNG, C. G. Memórias, Sonhos, Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, ?.

JUNG, C. G. Psicologia do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, C. G. A prática da psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNG, C. G. Tipos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1991.

LERNER, Jaime. Acupuntura urbana. Rio de Janeiro: Record, 2003

LYNCH, Kevin. Cidades: A urbanização da humanidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

MORAES, Regis de. Sociedade: o espelho partido. Campinas: Edicamp, 2003.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SÁ, Cristina (org.). Olhar urbano, olhar humano. São Paulo: IBRASA, 1991.

SARDELLO, Robert. No mundo com alma: repensando a vida moderna. São Paulo: Ágora, 1997.

*Fragmentos literários*

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.